

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**A GESTÃO NO ENFRENTAMENTO DA INDISCIPLINA
E DAS VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Vívian Jamile Beling

Santa Maria, RS, Brasil

2014

A GESTÃO NO ENFRENTAMENTO DA INDISCIPLINA E DAS VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Vívian Jamile Beling

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Gestão Educacional.**

Orientador: Prof.º Dr.º Jorge Luiz da Cunha

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Gestão Educacional**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização**

**A GESTÃO NO ENFRENTAMENTO DA
INDISCIPLINA E DAS VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

elaborada por
Vívian Jamile Beling

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA

Jorge Luiz da Cunha, Dr.
(Presidente/ Orientador)

Joana Elisa Röwer, Msc.

Cinára Dalla Costa Velasquez, Msc.

Giovana Giacomini Brendler, Msc. (suplente)

Santa Maria, 28 de dezembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Registro aqui meu reconhecimento a todos que, de alguma forma, participaram de minha trajetória durante o curso de Especialização em Gestão Educacional. Agradeço a todos que compartilharam comigo momentos de estudos e discussões, seja no espaço acadêmico, ou nas idas e vindas desta vida. A concretização deste trabalho de monografia só foi possível graças a estes momentos de partilha que vivenciamos neste pouco mais de um ano.

Sou grata aos professores que fizeram parte desta jornada no curso, e que me provocaram a pensar e repensar sobre a educação nacional e a gestão, reafirmando a necessidade de continuar lutando por aquilo que se acredita.

Agradeço de forma especial ao professor Jorge que aceitou o convite de orientar a escrita deste trabalho, por sua disponibilidade, apoio e confiança. Da mesma forma, meu agradecimento e admiração a Joana, a Cinára e a Giovana que aceitaram o convite de participar das discussões acerca da temática proposta, realizando a leitura desta monografia, e integrando a banca para sua apresentação.

Por fim, agradeço carinhosamente a minha família pela compreensão de algumas ausências nestes últimos anos, e por todo apoio que tem dado as minhas escolhas.

Muito obrigada a todas estas pessoas especial!

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda (FREIRE, 2000, p. 67).

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A GESTÃO NO ENFRENTAMENTO DA INDISCIPLINA E DAS VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR

AUTORA: VÍVIAN JAMILE BELING

ORIENTADOR: JORGE LUIZ DA CUNHA

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 28 de dezembro de 2014.

Considerando a crescente preocupação acerca das violências na sociedade contemporânea, em especial as que acontecem no contexto escolar, e embasado em pesquisas que relatam o sentimento de impotência, e a dificuldade em encontrar estratégias positivas de enfrentamento destas situações, o presente trabalho tem como objetivo investigar em que medida o conceito de gestão pode contribuir no delineamento de estratégias positivas para o enfrentamento da indisciplina e das violências no contexto escolar. Caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, do tipo revisão bibliográfica. Como referencial teórico utilizou-se principalmente: Lück (2006), Oliveira (2011) e Libâneo (2004), para discussões acerca do conceito de gestão; Moraes (1995), La Taille (1998), Puig (1998), Garcia (1999; 2008; 2009), e Arroyo (2007) para compreender as representações e significações da indisciplina e das violências no contexto escolar, e o que estas questões têm a dizer a respeito da escola. A partir das discussões concluiu-se que a indisciplina e as violências no contexto escolar, mais do que um problema nas práticas de professores, têm muito a dizer sobre o papel que cumpre a escola na sociedade contemporânea, e neste sentido se indica a necessidade de uma mudança de paradigma no que tange a compreensão do conceito de gestão escolar, ultrapassando a administração, e incorporando a necessidade de participação e o papel transformador da educação em uma sociedade desigual como a nossa.

Palavras-chave: Gestão escolar. Indisciplina. Violências no contexto escolar.

ABSTRACT

Monograph of Specialization
Specialization Course in Educational Management
Universidade Federal de Santa Maria

THE MANAGEMENT ON CONFRONTATION OF THE INDISCIPLINE AND VIOLENCE AT SCHOOL

AUTHOR: VÍVIAN JAMILE BELING

SUPERVISOR: JORGE LUIZ DA CUNHA

Date and Location of Defense: December 28th, 2014, Santa Maria.

Considering growing preoccupation concerning to violence in contemporary society, especially those which occur in an educational context, grounded in researches that report this importance and difficult to find positive strategies to confront these situations. The present paper has as objective to investigate the extent to which concept of management can to contribute the delimitation of positive strategies to confrontation of indiscipline and violence in an educational context. This characterized as exploratory research, of quality approach, typed of bibliographic review. As a theoretical background used mainly: Lück (2006), Oliveira (2011) e Libâneo (2004), to discuss concerning to the management concept; Morais (1995), La Taille (1998), Puig (1998), Garcia (1999), and Arroyo (2007) to comprehend representations and significations of indiscipline and violence in as educational context, and what this issues tell us about school. Starting from the discussions, it concludes that indiscipline and violence in an educational context, more than a problem in practices of teachers, it tell us how much about the role schools meet in a contemporary society. In this sense indicates the necessity of changing paradigm concerning to the comprehension of management educational concept, exceeding management, and incorporating necessity of participation and compensator role of education in unequal society like our one.

Key Word: Educational management. Indiscipline. Violence in an educational context.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 MOTIVAÇÕES PARA O ESTUDO.....	8
1.2 PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO	10
2. GESTÃO, INDISCIPLINA, E VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR	14
2.1 VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR: PARA ALÉM DA DENÚNCIA.....	14
2.2 INDISCIPLINA E VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS.....	16
2.3 O RECONHECIMENTO DA ESCOLA COMO ESPAÇO PÚBLICO E A GESTÃO PARTICIPATIVA	19
3. OUTROS ESTUDOS SOBRE O TEMA: PRODUÇÃO DA REVISTA EDUCAÇÃO DE 2010 A 2013	27
CONSIDERAÇÕES FINAS	34
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

A violência tem sido uma preocupação crescente na sociedade contemporânea. Os mais diversos recursos para garantir segurança, como construção de muros cada vez mais altos e sistemas de segurança cada vez mais modernos, são elementos que ilustram esta preocupação. Neste sentido, ainda podemos citar a mídia como meio pela qual se escancaram inúmeras cenas de violências cotidianamente no cenário mundial, e em todas as instâncias da sociedade, a escola como parte desta, não fica a margem.

Nas escolas, em conversas entre professores e equipes diretivas, as violências e a indisciplina são temas comuns, dotadas de múltiplas interpretações chegando a confundir-se. Em tais discussões, são recorrentes os relatos de impotência, e a dificuldade em encontrar estratégias positivas de enfrentamento destas situações que acabam prejudicando a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, sendo, muitas vezes, questões naturalizados no contexto escolar.

Neste sentido, destaca-se nesta monografia que a indisciplina e a violência no contexto escolar extrapolam a situações em si, revelando, em um sentido geral, formas de se compreender a instituição escola, e sua finalidade na sociedade contemporânea e tendo muito a dizer a respeito de sua estrutura e organização. Assim, pretende-se apresentar elementos para uma discussão que possibilite refletir como o conceito de gestão pode contribuir para construção de estratégias positivas de enfrentamento da indisciplina e das violências no contexto escolar.

1.1 Motivações para o estudo

Além da preocupação crescente, na sociedade contemporânea, em relação ao tema apresentado, busco em minha trajetória de vida as motivações que levaram a cabo a escrita deste trabalho. Ao pensar sobre minha formação inicial, destaco que o interesse de estudo advém de investigações realizadas em pesquisas desenvolvidas em projetos, nos quais tive oportunidade de participar ao longo do curso de graduação. Destes, destaco o projeto intitulado “Os conflitos e os sentimentos presentes na relação pedagógica e seus entrelaçamentos na

construção da personalidade moral”, desenvolvido na época pelo Grupo de Estudos em Afetividade e Moralidade – Afetos Morais¹.

Este grupo realizou investigações e pesquisas referentes aos conflitos, sobretudo os com desfechos violentos, os sentimentos e desenvolvimento da personalidade moral, do qual fiz parte no período de três anos (2009 a 2011). Tal vivência proporcionou ampliação do olhar frente a situações cotidianas do ambiente escolar, os conflitos, suas formas de enfrentamento na relação pedagógica, e as significações construídas por professores, alunos e equipe diretiva.

Os dados coletados nas pesquisas realizadas por este grupo revelaram, de forma geral, a existência de violências em todos os segmentos da escola, além de uma grande insatisfação por parte dos(as) professores(as) perante o quadro de violências que se apresentavam nas escolas, durante o período da investigação. Segundo estes estudos as situações violentas pareciam gerar uma espécie de angústia e revolta nos(as) professores(as) que se sentiam desamparados, e muitas vezes impotentes frente estas situações. Em 2010 quando os sujeitos de pesquisa foram os professores, registrou-se uma grande parcela de responsabilização das equipes diretivas na resolução de conflitos com desfechos violentos. No ano seguinte, 2011, novamente a direção escolar recebeu atribuição na resolução de conflitos. Tais elementos tornam-se importantes, e de alguma forma balizadores para o estudo proposto nesta monografia.

Em tais pesquisas, evidencia-se que a violência e a indisciplina aparecem como questões constantes nos discursos de professores e direção escolar. No mesmo sentido, destaca-se o estudo realizado como trabalho de conclusão de curso, apresentado por mim no início do ano de 2013, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela UFSM. Neste estudo, foram investigadas as concepções e formas de enfrentamento da indisciplina escolar, com três professoras dos Anos Iniciais, que atuavam em uma escola estadual da periferia de Santa Maria. Os resultados, de forma geral, indicam a urgência em desenvolver estratégias positivas no enfrentamento de conflitos, pois a impotência apresentada para resolução de tais situações acaba desencadeando situações de violência escolar.

¹ Grupo de estudos em Afetividade e Moralidade, que desenvolveu pesquisas sobre a temática durante o período de sua vigência na Universidade Federal de Santa Maria, sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Lúcia Saete Celich Dani, e do qual participei como bolsista entre os anos de 2009 e 2011.

Considerando os elementos apresentados justifica-se a escrita desta monografia, no sentido de procurar refletir sobre o conceito de gestão escolar e educacional, como estratégia positiva para o enfrentamento da indisciplina e das violências no contexto escolar. Questões que tem gerado um quadro de descontentamento e inquietudes que permeiam o espaço escolar criando tensões negativas nas relações interpessoais, e que conseqüentemente prejudicam o processo de ensino-aprendizagem, e a qualidade da educação.

1.2 Percursos da investigação

A proposta inicial de pesquisa para monografia, escrita no pré-projeto, avaliado para o ingresso no curso de Especialização em Gestão Educacional, caracterizava-se como uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, o qual se propunha realizar entrevistas semi-estruturadas com membros de equipes diretivas em escolas públicas do município de Santa Maria. Com o ingresso no curso, as leituras e discussões realizadas nas disciplinas, foram permitindo um repensar acerca das temáticas modificando e ampliando o desenho desta investigação.

A relação entre indisciplina, as violências no contexto escolar, e a gestão, abrem uma gama de possibilidades de estudos e investigações que vão muito além do olhar dos membros da equipe diretivo sobre estas questões na escola, perpassam, em uma visão mais geral, questões referentes às estruturas da organização da escola, e conseqüentemente as políticas públicas. Entretanto, em função dos prazos para elaboração desta monografia, faz necessário um recorte, uma delimitação, que indica uma das possibilidades de estudos sobre a temática enunciada. Santos (2004, p.79), explica que

O progresso científico quase sempre surge do aprofundamento de aspectos de uma necessidade, isto é, estudam-se mais detidamente “pedaços” dela por vez. Daí a importância da delimitação. Deve-se escolher o “pedaço” do problema que se quer ou se precisa estudar, para estudá-lo em profundidade.

Com este estudo não é diferente, caracteriza-se como uma pequena parte de um vasto campo de investigação, preocupando-se em relacionar aspectos conceituais a cerca da gestão escolar e educacional, e estudos sobre as questões de indisciplina e violências no contexto escolar, a fim de proporcionar uma reflexão

capaz de servir de embasamento para elucidação de estratégias positivas de enfrentamento de tais questões. Assim se escreve como questão desta pesquisa: **Em que medida o conceito de gestão pode contribuir para o delineamento de estratégias positivas para o enfrentamento da indisciplina e das violências no contexto escolar?**

Deste questionamento inicial decorre uma série de outros questionamentos, mais específicos, ao quais se escrevem como: Qual é o conceito de gestão? O que vem sendo publicado na Revista Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, no período de 2010 a 2013, sobre a temática: indisciplina e violências no contexto escolar, e suas formas de enfrentamento? Como o conceito de gestão pode contribuir para se pensar estratégias positivas de enfrentamento da indisciplina e das violências no contexto escolar?

Na busca de possíveis respostas para estes questionamentos optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa (TRIVIÑOS, 1987), do tipo revisão bibliográfica. O qual procura evidenciar, a partir de estudos sobre a indisciplina e as violências no contexto escolar, como o conceito de gestão, pode contribuir no delineamento de estratégias positivas de enfrentamento de tais questões.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Para o estudo apresentado, o levantamento de dados foi realizado em referenciais teóricos que tratam tanto sobre os aspectos da gestão, quando os que abordam sobre questões de indisciplina e violências no contexto escolar, discutindo acerca de possíveis aproximações e distanciamentos.

Segundo Gil (2007), ainda é possível classificar as pesquisas, com base nos seus objetivos, em três grupos: pesquisa exploratória; pesquisa descritiva; e pesquisa explicativa. Neste sentido, a presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, a qual segundo o autor tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir

hipóteses. Segundo este autor a grande maioria dessas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Podendo ser classificadas em: pesquisa bibliográfica, como no caso deste trabalho apresentado, ou estudo de caso.

Desta forma, e a partir das questões apresentadas, escrevem-se como objetivos desta monografia:

Objetivo geral:

- Investigar em que medida o conceito de gestão pode contribuir no delineamento de estratégias positivas para o enfrentamento da indisciplina e das violências no contexto escolar.

Objetivos específicos:

- Discutir acerca do conceito de gestão.
- Analisar as publicações da Revista Educação CE/UFSM, no período de 2010 a 2013, sobre a temática: indisciplina e violências no contexto escolar, e suas formas de enfrentamento.
- Refletir acerca do conceito de gestão e as possibilidades de estratégias positivas de enfrentamento da indisciplina e das violências no contexto escolar.

Para tal, o trabalho organiza-se inicialmente com uma discussão acerca do conceito de gestão, indisciplina e violências no contexto escolar, procurando relacioná-los, e já apontar algumas aproximações entre a compreensão de tais questões e estratégias de enfrentamento. Esta parte do escrito inicia com uma breve delimitação dos termos ramificando-se para uma discussão acerca das políticas públicas e as questões da indisciplina e das violências no contexto escolar. Em seguida, em um segundo movimento, procurou-se analisar outros estudos acerca da temática, publicados na Revista Educação CE/UFSM entre os anos de 2010 e 2013. A pós procurou-se pontuar os elementos que indicam como o conceito de gestão

pode contribuir no delineamento de estratégias positivas de enfrentamento da indisciplina e violências no contexto escolar. Por fim, elucidamos as conclusões desta revisão bibliográfica, procurando responder o questionamento inicial desta pesquisa: **Em que medida o conceito de gestão pode contribuir para o delineamento de estratégias positivas para o enfrentamento da indisciplina e das violências no contexto escolar?**

2. GESTÃO, INDISCIPLINA, E VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Inicia-se este capítulo com a discussão acerca do conceito de gestão, relacionando as representações de indisciplina e violências no contexto escolar, procurando compreender como a gestão pode contribuir no delineamento de estratégias positivas para o enfrentamento destas situações. Neste sentido, destaca-se que a indisciplina e as violências no contexto escolar devem ser pensadas sob uma perspectiva mais ampla dos processos de gestão escolar pois colocam em questão o próprio projeto pedagógico da escola, por afetarem não somente as práticas dos professores, mas atingirem as finalidades, em sentido mais amplo, da escola (GARCIA, 2008). “Diante dos cenários de indisciplina e violência, a escola, afinal, consegue cumprir efetivamente seu papel educativo?” (Ibidem, p. 11560).

2.1 Violências no contexto escolar: para além da denúncia

Entre as definições e entendimentos que podem ser estabelecidas a partir destes termos, destaca-se que a violência é um vocábulo polissêmico, dotado da complexidade de sentidos (MORAIS, 1995, p. 44), motivo pela qual se optou neste escrito, por utilizar violências no plural, representando sua multiplicidade de formas de representação e compreensão. A afirmação de Moraes (1995) nos remete aos múltiplos significados, que cada indivíduo, em cada cultura, pesquisador ou pensador compreendem como violência.

Neste sentido, o filósofo francês Michaud (1989, p. 19), ao pesquisar as interfaces da violência, explica que:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas ou culturais.

É possível perceber, através das definições citadas, o quão abrangente se torna o termo violência, sendo necessário também delimitar de que tipo de violência

se está falando. Segundo Charlot (2000, p. 4), é possível distinguir três tipos de violências no contexto escolar: violência **na** escola; violência **à** escola; e violência **da** escola.

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar [...]
A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar [...]. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica [...].

Neste sentido, permite pensar sobre a crescente preocupação acerca das questões relacionadas às violências na sociedade contemporânea, e em especial, as que segundo Charlot (2000) são do tipo violência **na** escola, e violência **da** escola. Apropriando-se desta distinção, e relacionando as indicações de Arroyo (2007) podemos dizer que ao afirmar que a violência infanto-juvenil é umas das principais indagações da contemporaneidade, e alertar que a maioria das pesquisas, apenas, denunciam as violências para observar as reações negativas que existem, categorizando, sobretudo, as infâncias e adolescências como infradoras, concentrando sua atenção nas reações da sociedade, da mídia, da academia, do campo do direito e das políticas sociais, a atenção está voltada as violências do tipo **na** e **à** escola, ignorando um terceiro tipo de violência denominado por Charlot (2000) como violência **da** escola. Assim, Arroyo (2007) destaca a ausência de pesquisas e teorização sobre os impactos que provocam as violências e as reações à violência infanto-juvenil na função da escola e da docência, na imagem da infância e adolescência, e explicita:

Deixamo-nos impactar mais pelo quanto nos incomodam suas condutas na sociedade e nas escolas. Para entender e acompanhar processos de formação desde a infância, o preocupante é que sejam tanto atores quanto vítimas das violências. Que impactos pode ter em suas identidades se saber, desde crianças, segregados como violentos e infratores na sociedade e até nas famílias e nas escolas? (ARROYO, 2007, p. 789).

No fragmento acima é possível observar que o autor discute sobre a utilização dos termos violência e violentos, como um novo parâmetro de segregação de condutas, de pessoas, e de coletivos, na sociedade contemporânea, destacando que o termo “violência” passou a unificar condutas diversificadas (ARROYO, 2007). Neste aspecto, enfatiza que nos impactamos mais pelo incomodo destas condutas

na sociedade e nas escolas do que a relação que existe entre autores e vítimas, trazendo a tona uma série de questionamentos que nos fazem pensar acerca da educação, de suas definições legais, qualidade, objetivos e engendramentos paradigmáticos.

A introdução da categoria alunos violentos introduz um novo parâmetro, que toca em dimensões humanas mais segregadoras, com impactos não apenas nos processos tradicionais de enturmação, avaliação, aprovação-reprovação e gestão dos percursos individuais de ensino-aprendizagem, mas com impactos nos processos de desenvolvimento humano, ético, cultural, identitário de coletivos segregados como violentos (ARROYO, 2007, p. 789 – 790).

Neste sentido, destaca-se a importância de estudos que superem a simples denúncia destas situações, procurando culpados, mas denota a complexidade das relações interpessoais e considerando também as violências, que segundo Charlot (2000), podem ser distinguidas como violências **da** escola. As questões relacionadas à indisciplina e as violências no contexto escolar, não se limitam a um problema isolado, pelo contrário, são resultantes de uma compreensão mais ampla de homem e sociedade, e da finalidade da escola contemporaneamente. “Precisamos aprender com tais problemas a encontrar ações mais efetivas, pois eles têm algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional” (GARCIA, 2009, p.11567). E neste sentido, com base neste autor, cabe pensar sobre as próprias racionalidades que têm atravessado as perspectivas teóricas e as práticas relacionadas ao enfrentamento de tais questões.

2.2 Indisciplina e violências no contexto escolar: aproximações e distanciamentos

Inicialmente as discussões versaram sobre o termo violência, procurando compreensão acerca destas questões, neste segundo tópico pretende-se indicar as aproximações e distanciamento entre indisciplina e violências no contexto escolar. A indisciplina nem sempre possui uma definição muito clara, seguidamente é citada nos discursos das escolas como causa das violências, outras vezes como

sinônimos. Segundo La Taille (1996), autor que nesta temática representa o eixo da psicologia moral, esclarece que à disciplina está relacionada ao cumprimento de normas e, portanto a indisciplina está pautada na desobediência destas normas; para ele essa desobediência possui dois motivos: a revolta contra as normas ou o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações (LA TAILLE, 1996, p. 10).

O autor esclarece, em uma entrevista, que vê três definições para o termo: a primeira tem a ver com a falta de autodisciplina; a segunda pode ser associada à desobediência; e a terceira indisciplina, ao desrespeito, se caracterizando como uma questão moral, e só então podendo ser denominada como violência.

Disciplina remete a regras. Com efeito, a pessoa disciplinada segue determinadas regras de condutas. Logo, disciplina corresponde ao que chamamos de moral: o respeito por certas leis consideradas obrigatórias. Portanto, a pessoa indisciplinada transgride as leis que deveria seguir [...] se as regras não fazem sentido (e há muitas nas escolas) e se derivam de valores suspeitos (como a subserviência cega à autoridade), a indisciplina pode se justificar eticamente. [...] Mas agora pensemos nas formas de indisciplinas que ferem as leis morais, estas definidas como garantias de respeito a direitos legítimos. Transgressões deste tipo também podem acontecer nas salas de aula. Por exemplo, o insulto, a agressão física, o tratar o professor como se fosse um objeto, não ouvi-lo, fingindo que não está presente, que não existe (LA TILLE, 2001, p.90-91).

É possível aceitar a variação de opinião sobre esse tema ao considerá-la como questões complexas dotadas de grande magnitude como definido por La Taille (1996) e Garcia (1999), porém é evidente que:

A indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Trata-se de uma questão, portanto, a ser debatida e investigada amplamente (GARCIA, 1999, p. 101 – 102).

A indisciplina não se configura apenas como um “mau” comportamento, perturbador nas relações interpessoais no ambiente escolar, ela é, sobre tudo, um indicativo de incoerências estruturais desta instituição. Por isso esse é um tema de

grande importância nas discussões acerca da educação escolar. Arroyo (2007) aproxima as questões de indisciplina e violências ao destacar que:

[...] o conjunto de condutas indisciplinadas que sempre aconteceram nas escolas passou a ser interpretado e classificado como violências, elevando a diversidade de condutas desviantes a essa condição e segregando os alunos antes tidos como indisciplinados na categoria mais temida, segregadora e estigmatizante de violentos (ARROYO, 2007, p. 789).

A partir das definições apresentadas é possível diferenciar os termos indisciplina e violências, mas torna-se impossível negar suas aproximações. Araújo (2002, p.09) explica que:

Temas como a indisciplina, violência, apatia e falta de perspectivas, de limites e de solidariedade da juventude quando debatidos da sociedade (em especial, pela mídia), geralmente recaem na idéia de uma suposta “perda” de determinados valores que paulatinamente, teriam deixados de ser ensinados às novas gerações. Deste debate costuma resultar um certo saudosismo, de acordo com o qual as pessoas mais velhas passam a crer que a escola e a família deveriam retornar aos antigos modelos de educação, idealizados como eficientes tanto em relação aos conteúdos enfocados quanto em relação à transmissão de determinados valores alicerçados nos postulados religiosos.

Percebemos que no decorrer dos anos “A carga ético-religiosa ligada ao conceito de disciplina [...] se transformará em carga ético-política na Educação Nova” (ESTRELA, 1994, p. 16). As novas descobertas e os avanços sobre tudo da psicologia transformaram a compreensão acerca da escola, entretanto a essas mudanças nem sempre são visíveis no cotidiano das escolas. Neste sentido, Sastre e Moreno (2002, p.19) fazem uma crítica a nossa formação que desvaloriza a aprendizagem do convívio, ou seja, aprendizagem social em detrimento a outros saber do mundo físico:

Não fomos preparados para compartilhar nem resolver com agilidade e de forma não-violenta os problemas que iam surgindo em nossas relações pessoais. Não desenvolvemos a sensibilidade necessária para saber interpretar a linguagem dos nossos sentimentos. Nossa razão não foi exercida na resolução de conflitos e tampouco dispúnhamos de um repertório de atitudes e comportamentos práticos que nos permitem sair

dignamente de uma situação. Em síntese, nossa formação nos tornou mais hábeis para lidar com o mundo físico do que com o social.

A escola é espaço permeado por múltiplas relações, onde os conflitos são “[...] desafios que surgem em um determinado meio de experiência moral” (Puig, 1998, p.161). No entendimento deste autor, “Ninguém inicia uma mudança pessoal sem se sentir pressionado por um conflito sociomoral, ou sem pressionar a si mesmo problematizando a realidade ou sua relação com ela” (p.162). Sendo assim, o conflito quando enfrentado de forma cooperativa, na busca do diálogo pode ser entendida como uma situação positiva, como oportunidade para construção de conhecimentos. Porém, se o conflito for resolvido de forma equivocada, utilizando ferramentas de coação se tornará um evento negativo, podendo ser denominado como violência.

2.3 O reconhecimento da escola como espaço público e a gestão participativa

A violência tem sido assunto preocupante e de discussão em várias esferas da sociedade (intelectuais, juristas, políticos, jornalistas, ONGs e igrejas), em um debate que a infância sai da esfera familiar e da esfera das escolas para entrar no debate público. Segundo Arroyo (2007) vem à tona o pensar, sentir, avaliar, julgar e condenar as infâncias infratoras, expostos ao debate aberto como feridas sociais, indicando assim, a violência infanto-juvenil como grave problema contemporâneo, e um dos sentimentos contemporâneos é o horror diante das violências e de tantas formas de destruição dos seres humanos, agravado quando cometida pela infância. Para educação, entrar neste debate público seria um desafio da contemporaneidade?

Tentamos avançar na compreensão dos estreitos vínculos entre sociedade e educação. A dificuldade de os profissionais da educação, de pesquisadores e de publicações entrarem nesse debate público e o fato de não serem chamados a esse debate não seriam um indicador do pouco que se avançou nos vínculos entre educação-sociedade, e entre educação e outros campos do embate social, público sobre as questões contemporâneas? (ARROYO, 2007, p. 791).

Os questionamentos feitos pelo autor são importantes, à medida que permitem pensar sobre as estratégias que a sociedade e a escola, adotam frente às situações de violências. Parece que ao se pensar nas escolas é mais comum encontrar estratégias para contenção, e regulação em situações de conflito, do que espaços de diálogo e participação. Neste sentido Oliveira (2011, p. 334), corrobora ao afirmar que:

[...] sob uma visão sistêmica, o vínculo entre educação e desigualdade social é inegável e têm consequências importantes para se pensar as estratégias políticas destinadas a enfrentar os problemas de desigualdade educacional. Não se pode pretender responder a esses desafios sem levar em consideração a questão social mais ampla. A baixa escolaridade das gerações anteriores, no caso brasileiro, é um dos fatores do baixo desempenho dos alunos. E isso é resultado de uma herança histórica, de desigualdades persistentes. As estratégias de ação para alterar esse quadro devem considerar a articulação inevitável entre políticas educacionais e a dimensão social, contemplando os processos de crescimento e desenvolvimento econômico do país.

O fato é que a escola ao longo de sua história não superou seu papel de segregadora, criando parâmetros ainda mais infames que a avaliação, enturmação e aprovação-reprovação ao impactando processos de desenvolvimento humano, ético, cultural, identitário de coletivos, ao classificar os alunos como violentos, indisciplinados, menores infratores. “Os parâmetros morais adquirem novas dimensões políticas na produção da segregação social e cultural. Que papel vem cumprindo a escola?” (ARROYO, 2007, p. 790).

Na tentativa de encontrar respostas a este questionamento, é possível destacar que a escola continua reproduzindo a desigualdade de nossa sociedade, e neste sentido cabe pensar a cerca das políticas e dos programas que surgem na tentativa de garantir a população brasileira seus direitos fundamentais. De fato a escola não são chamados a esse debate público, talvez a escola “tenha estado mais preocupado em tornar os educandos empregáveis do que em entender os perversos processos de sua destruição por meio das diversas formas de violência” (ARROYO, 2007, p. 792).

a crise observada em nossas escolas públicas, frequentemente constatada nos depoimentos dos docentes, que identificam como seus sintomas a indisciplina e o desinteresse dos alunos, os maus tratos que dão à escola e aos professores, as constantes evidências de violência na escola podem refletir o baixo nível de coesão de nosso sistema escolar (OLIVEIRA, 2011, p.332).

A indisciplina e as violências no contexto escolar, que tanto assombram acabam por denunciar contradições de um sistema, que ao mesmo tempo em que estabelece metas de educação para todos, em seu cotidiano procura “regular”, “enquadrar” a diversidade em um quadro que responde quantitativamente, na maioria das vezes, as expectativas reguladas pela economia em um sistema neoliberal. Enganasse quem pensa que as questões referentes à indisciplina e as violências no contexto escolar são privilégios das escolas públicas, embora Arroyo (2007) direcione seus estudos a escola pública, é evidente que tais questões também estão presentes **nas** escolas privadas, e se categorizam como violências **da** escola à medida que contribuem para segregação, e silenciamento do debate da escola enquanto espaço público e de interesse coletivo, e não massificação.

Entrar nesses debates contemporâneos sobre a infância, adolescência, juventude pode significar a percepção de que essas infâncias interrogam a função do sistema escolar e o reducionismo a que foi submetido nas últimas décadas. [...] Assumir essas infâncias como indagação pode ser uma forma de tornar as escolas e as universidades mais públicas. Sempre que a infância entra no debate público, o sistema escolar é pressionado para ser mais público (ARROYO, 2007, p. 792).

Neste embate cabe uma reflexão do que de fato a indisciplina e as violências têm a dizer a respeito da escola. O reconhecimento da escola como tempo-espaço público, e as tentativas de sua configuração como pública, têm sido uma das marcas dos embates políticos-pedagógicos das últimas décadas, segundo Arroyo (2007). Consolida-se o espaço da escola como público na década de 1980, onde por lei a educação é direito de todos os cidadãos, com a promulgação da Constituição Federal, em 1988, e reafirmada na década seguinte, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)². No entanto:

a sociedade tem dificuldade de ver as escolas populares como espaços públicos e seus profissionais têm dificuldade de se reconhecer como profissionais do público, porque ainda temos dificuldade de reconhecer a

² Lei 8.069 de 16 de julho de 1990, que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Segundo definição, em seu 2º artigo, são consideradas, para os efeitos desta lei, crianças as pessoas de até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquelas entre doze e dezoito anos de idade. Em consonância com a Constituição Federal, tal legislação dispõe sobre os direitos das crianças e adolescentes à vida e à saúde; o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; o direito à convivência familiar e comunitária; o direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer; o direito à profissionalização e à proteção no trabalho, revelando, em uma relação mais ampla de preceitos, seu intuito de proteger a cidadania infanto-juvenil.

infância e a adolescência populares como sujeitos de direitos. Porque a sociedade ainda os vê como ameaça à ordem e à civilização. O discurso sobre essas infâncias como sujeitos de direitos é tão frágil que se quebra diante da primeira manifestação de indisciplina e de violência (ARROYO, 2007, p. 797).

O que Arroyo (2007) questiona é se a violência e todos os sentimentos e antivalores³ que decorrem dela estariam atrapalhando o avanço da escola como espaço público? Ou se eles estariam demonstrando a fragilidade da proclamação para todos, uma vez que a escola se encarrega de expulsar, estes alunos deste espaço, encaminhando para turmas especiais, os submetendo a ações socioeducativas preventivas e recuperadoras? E alerta que:

São as “infâncias outras”, destruídas como crianças ordeiras e inocentes, tornadas infratoras, culpadas, aquelas que interrogam as concepções generalistas de infância e seus direitos a viver a infância. Essas infâncias [...] serão excluídas do direito a ser reconhecidas como crianças. [...] Fomos levados a deixar de ver aqueles que são considerados violentos, indisciplinados, infratores como infância-adolescência, para criar e enquadrá-los em uma categoria ambígua, “menores infratores”, sem direito até a serem reconhecidos como crianças e adolescentes. Desprovidos do direito mais elementar: serem reconhecidos como gente, como humanos. (ARROYO, 2007, p. 795)

A afirmação feita pelo autor nos leva a pensar a cerca da função da escola e de como sua organização tem, de forma sutil, incorporado aos ideários de uma política neoliberal, que excluí sob um discurso de inclusão. Neste sentido, a indisciplina e as violências no contexto escolar, denunciam a relação entre atores e vítimas, em um sistema excludente e desigual.

Mudanças nas orientações e reformas educativas são notórias no Brasil a partir da década de 90, anunciadas como reformas administrativas. Segundo Libâneo (2001), o estudo da escola como organização de trabalho não é novo, surge nos anos de 1930, com pesquisas sobre administração escolar, nos pioneiros da educação nova, frequentemente marcados pela aproximação da organização escolar da organização empresarial. Mais tarde, nos anos de 1980, das discussões acerca da reforma curricular nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas resulta uma nova nomenclatura a disciplina que passou a ser “Organização do Trabalho Pedagógico ou Organização do Trabalho Escolar, adotando um enfoque crítico, frequentemente restringido a uma análise crítica da escola dentro da organização do

³ Valores contrários aos socialmente aceitos.

trabalho no Capitalismo” (LIBÂNEO, 2001, p. 118). Decorrente destas discussões, a “nova” Lei 9.394 de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), registra em seu texto legal, em seu artigo 3º, como o VIII princípio da educação “gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino” (BRASIL, 1996).

A partir de Oliveira (2008), pode-se observar que a descentralização passa a orientar a organização administrativa do sistema de ensino, com mudanças nas formas de financiamento das políticas sociais, contando muitas vezes com recursos de iniciativas privadas. Um marco para isso foi a Conferencia Mundial de Educação para Todos, que aconteceu em Jomtien, na Tailândia, em 1990, onde o nosso país se compromete com algumas metas, entre estas a universalização do ensino básico. Tal meta sinalizou a necessidade de novos modelos de gestão no ensino público, mais flexíveis, participativas, e descentralizadas da administração de recursos e responsabilidade.

Ao tratar sobre as questões de gestão é importante distinguir dois enfoques existentes, um científico-racional e um crítico, de cunho sócio-político (LIBÂNEO, 2001). No enfoque científico-racional, “a organização escolar é tomada como uma realidade objetiva, neutra, técnica, que funciona racionalmente; portanto, pode ser planejada, organizada e controlada, de modo a alcançar maiores índices de eficácia e eficiência” (Ibidem, p. 19). Em oposição, no segundo enfoque “A organização escolar não seria uma coisa totalmente objetiva e funcional, um elemento neutro a ser observado, mas uma construção social levada a efeito pelos professores, alunos, pais e integrantes da comunidade próxima” (Ibidem, p. 19).

A legislação trás a ideia de uma gestão democrática, pautada pela participação segundo artigo quatorze da LDB:

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. (BRASIL, 1996)

Em consonância, Lück (2006) esclarece que uma forma de conceituar a gestão concebê-la como um processo que busca a participação ativa e cooperativa de todos os membros que agem em prol de um objetivo comum, e especifica que:

No contexto da educação brasileira, tem-se dedicado muita atenção sobre a gestão do ensino que, como um conceito novo, supera o enfoque limitado de administração, a partir do entendimento de que os problemas educacionais são complexos, em vista de que demandam visão global e abrangente, assim como ação articulada, dinâmica e participativa. Assenta-se, portanto, sobre a mobilização dinâmica e em equipe do elemento humano, coletivamente organizado, enfocando-se em especial sua energia e competência como condições básicas e fundamentais da qualidade da educação e das ações realizadas nos sistemas de ensino, assim como, em última instância, da transformação do próprio significado da educação brasileira, dos sistemas de ensino e suas escolas. (LÜCK, 2006, p. 23)

Neste sentido, entende-se a importância da compreender a ação cooperativa que, é indicada como imprescindível para gestão participativa, quanto um elemento para o enfrentamento positivo de situações de conflitos no contexto escolar. Ousaria dizer que participação que se pretende na gestão, é a mesma que permitirá mudanças delineando estratégias positivas para o enfrentamento dos conflitos, gerando conseqüentemente aprendizagem pela cooperação entre os indivíduos.

Para Piaget citado por La Taille (2001, p. 19): “A cooperação pressupõe a coordenação das operações de dois ou mais sujeitos. [...] Há uma discussão, uma troca de pontos de vista.” Piaget faz clara a distinção entre dois tipos de relação interindividual, coação e cooperação, não compartilhando de um “otimismo social” que acredita que qualquer interação social favoreça o desenvolvimento.

Não somente a coação leva ao empobrecimento das relações sócias, fazendo com que na prática tanto o coagido quanto o autor da coação permaneçam *isolados*, cada um no seu respectivo ponto de vista, mas também ela representa um freio ao desenvolvimento da inteligência.[...] [...] Como seu nome indica, a cooperação pressupõe a coordenação das operações de dois ou mais sujeitos. (LA TAILLE, 1992, p. 19)

Corroborando com ideia, nos quatro pilares da Educação organizada pela Comissão da UNESCO, redigido por Delors (2012, p.89-90) traz em um de seus pilares a preocupação com as relações interpessoais, escrita como “aprender a viver junto”. Neste documento defende-se que:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a Educação deve organizar-se em torno e quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver junto, a fim de participar e cooperar com os outros em

todas as atividades humanas; finalmente, aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

Com base nos elementos apresentados, em consonância com Lück (2006) e Garcia (2008; 2009), o que está em jogo é uma mudança de paradigma, pois a indisciplina e as violências no contexto escolar revelam a necessidade de uma revisão nas teorias e práticas relacionadas a várias questões sobre a instituição escola na sociedade contemporânea.

Ao mesmo tempo em que podem ser pensadas como forças de resistência e fragmentação do projeto educativo, também podem ser interpretadas como elementos de uma crise a solicitar transformações em relação ao que estamos pensando e praticando nas escolas - e de modo mais amplo na sociedade, se desejarmos ampliar nossa análise. (GARCIA, 2009, p. 514)

Sob a ótica de um novo paradigma, a gestão deve ser compreendida enquanto processo:

[...] de mobilização e competência e da energia de **pessoas coletivamente** organizadas para que, por sua participação ativa e competente, promovam a realização, o mais plenamente possível, dos objetivos de sua unidade de trabalho, no caso os objetivos educacionais (LÜCK, 2006, p. 20, grifo meu)

Garcia (2009) relata que durante cinco anos pode observar as estratégias de enfrentamento das questões de indisciplina e violência em escolas de educação básica, constatando: a) a importância de cultivar uma visão compartilhada, ou seja, uma forma de perspectiva socialmente construída, composta de princípios, orientações e atribuições, como um elemento fundamental para a gestão educacional em diversos aspectos na escola, inclusive as questões de indisciplina e violência; b) a necessidade de avanço para predominância de práticas preventivas, em um trabalho baseado em novas competências profissionais, o qual os educadores precisam exercer novas forma de relacionamento e liderança, atuando segundo um senso pedagógico coletivo, contextualizado pelo projeto pedagógico; c) A relação entre escola e família, que embora em teoria seja destacada, na prática comumente apresenta diversos limites, que resultam aspectos como o baixo nível de

engajamento destas, ou da própria forma como as escolas assumem posições pouco democráticas ao estabelecer esta relação. Assim:

[...] os trajetos de formação precisam voltar-se ao desenvolvimento de competências profissionais que permitam aos educadores atuar sobretudo segundo linhas de ação pró-ativa, através das quais possam trabalhar o engajamento dos estudantes aos processos de ensino-aprendizagem, avançar a qualidade do currículo e portanto no desenho de experiências formativas atentas a necessidades de investir no desenvolvimento de recursos internos, que se reflitam na habilidade para resolver conflitos ou em atitudes que sustentem uma cultura de paz nas escolas. (GARCIA, 2009, p. 520)

A partir da discussão apresentada é possível perceber que este trabalho contribui com as discussões acerca da ideia de que a indisciplina e as violências no contexto escolar indicam, mais do que a necessidade de mudanças substanciais nas práticas escolares, a necessidade de um pensar a cerca da finalidade de escola na contemporaneidade, em uma perspectiva crítica, de possibilidade de transformação, e reconhecimento enquanto bem público. Para isso é preciso compreender a gestão como processo democrático criando espaços para discussão e participação de toda a comunidade no engajamento de objetivos comuns aos sujeitos para este espaço.

A complexidade que hoje assumem as expressões de indisciplina e violência nas escolas parece requerer uma perspectiva de gestão derivada de uma forma de diálogo entre os diversos atores da comunidade escolar, capaz de produzir uma visão compartilhada, que alimente e direcione esforços coletivos e oriente um conjunto de práticas a serem exercidas na escola. (GARCIA, 2009, p. 519)

Se o que se pretende são formas positivas de enfrentamento das situações de indisciplina e violências no contexto escolar, é preciso criar espaços de diálogo compartilhando objetivos, em um trabalho o engajamento também dos estudantes, e da família, no que se refere às formas de resolução de conflitos, como estratégias preventivas, valorizando uma cultura de paz.

3. OUTROS ESTUDOS SOBRE O TEMA: PRODUÇÃO DA REVISTA EDUCAÇÃO DE 2010 A 2013

Neste capítulo apresenta-se a análise dos dados obtidos a partir da investigação da produção acadêmica referentes à temática: indisciplina e violências no contexto escolar, na Revista Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, no período de 2010 a 2013. A partir deste levantamento, pretende-se constituir uma teia de informações que possibilitem uma visão geral das perspectivas de estudos, bem como contribuir para compreensão dos termos delimitados para esta pesquisa.

A escolha do periódico, a qual foi delimitada esta investigação deve-se, especialmente, pela busca de valorização e de visibilidade as publicações, sobre a temática, realizadas no centro de origem do curso de especialização, ou seja, o Centro de Educação da UFSM. Assim, a investigação delimitou-se a Revista Educação CE/ UFSM. Tal periódico destina-se a publicação de trabalhos inéditos e originais na área da Educação, atingindo ao público de estudantes, professores, pesquisadores, e interessados na área. Seu primeiro exemplar publicado, de forma impressa foi em 1970, desde então publica uma média de 45 artigos anualmente. No ano de 2000 a revista passou e a circular também em formato eletrônico. A Revista Educação CE/ UFSM é publicada em edições quadrimestrais, sendo a primeira (nº 01) nos meses janeiro/abril, a segunda (nº 02) maio/agosto e a terceira (nº 03), setembro/ dezembro, organizadas em Dossiês, Demandas Contínuas e Resenhas.

Após esta definição, foi preciso delimitar também o recorte de tempo, em que seria realizada a investigação, visto que o periódico citado possui uma quantia numerosa de artigos publicados desde o início de sua circulação. Optou-se por iniciar a pesquisa no marco do ano de 2010, quando nesta revista foi organizado um dossiê a respeito das temáticas: conflitos e violências na escola - sob o título de “Educação, Conflitos e Violências na Escola”. Portanto se define como período da investigação de 2010, até o final de 2013.

Inicialmente, utiliza-se a tabela abaixo para ilustrar numericamente as publicações deste periódico sobre a temática investigada. Nesta tabela é possível observar a constância nas publicações sobre a temática, uma vez que, registra-se pelo menos uma publicação em cada ano, sobre esta temática:

<i>Periódico</i>	<i>Ano</i>	<i>Volume</i>	<i>Número</i>	<i>Artigos relacionados ao tema</i>	<i>Produção anual</i>	<i>Total</i>
Revista Educação do Centro de Educação da UFSM	2013	v. 38	n. 03	--	01	09
			n. 02	01		
			n. 01	--		
	2012	v. 37	n. 03	--	01	
			n. 02	01		
			n. 01	--		
	2011	v. 36	n. 03	--	02	
			n. 02	01		
			n. 01	01		
	2010	v. 35	n. 03	05	05	
			n. 02	--		
			n. 01	--		

TABELA 01: Constatação quantitativa de publicações sobre a temática.

Destaca-se que é possível observar um número bastante significativo de artigos publicados no ano de 2010, volume 35, nº 03, devido ao dossiê de “Educação, Conflitos e Violências na Escola”, já mencionado, organizado nesta edição. A seleção dos artigos apresentados no quadro foi realizada a partir de seus títulos e palavras chaves, abarcando uma compreensão mais ampla da temática, considerando os seguintes termos: indisciplina, violências e conflitos.

Estabelecendo a diferenciação entre os termos, constata-se que neste período, foi publicado apenas um artigo referente exclusivamente à indisciplina (2010, volume 35, nº 3), e mais recentemente uma segunda publicação em que os dois termos apareceram relacionados (2013, volume 38, nº 02). Este indicativo possibilita pensar acerca dos termos investigados, retomando, de certa forma, a ideia de Arroyo (2007, p. 788) ao afirmar que o termo “violência” passou a unificar condutas diversificadas. Esta generalização do termo, provocando alguns questionamentos: o termo violência tem se generalizado de forma abranger também a indisciplina? A indisciplina não tem sido preocupação no espaço escolar, ao passo que a preocupação maior está relacionada à violência? Por que os eventos com desfechos violentos tem sido motivo de maior preocupação nos espaços escolares?

Neste sentido, destaca-se o artigo “A indisciplina na instituição escolar: o trabalho com assembleias de classe no desenvolvimento de crianças morais autônomas”, a qual as autoras esclarecem “Optamos neste estudo por considerar os atos de indisciplina escolar como sendo parte da violência.” (DIAS e COLOMBO, 2013, p. 362).

A fim de possibilitar a visualização geral dos artigos selecionados para este estudo, e estabelecer relações entre os termos, apresenta-se um segundo quadro, a qual procura categorizar as palavras-chave destas nove publicações. Para a construção desta tabela as palavras-chave foram diferenciadas em seis categorias, definidas como: situação, estratégias, espaço, sujeitos, teoria, e sentimento. Conforme se escreve a baixo:

Ano	v./n.	Situação	Estratégias	Espaço	Sujeitos	Teoria	Sentimento
2013	v.38/n.2	<u>Indisciplina</u>	<u>Assembléia de classe</u>	<u>Ensino Fundamental</u>			
2012	v.37/n.2	Violação dos direitos da criança e do adolescente		Escola	Professores		
2011	v.36/n.	Violência		Conhecimento social		Piagetiana	
	v.36/n.	Conflito		Cidade	Jovens		Insegurança
2010	v.35/n.3	<u>Violências nas escolas</u>		<u>Políticas curriculares</u>	<u>Diversidade</u>		
		Violência; Preconceito racial	Resiliência				
		<u>Violência</u>		<u>Comunidade escolar</u>	<u>Poder</u>		
		Bullying		Escola	Relação professor-aluno		
		Convivência escolar	Encuentros		Relación interpersonal		

TABELA 02: Quadro de categorização das palavras-chave dos artigos investigados.

A partir deste quadro listam-se as situações investigadas, em cada artigo, possibilitando uma visão geral das abordagens, o qual destacasse inicialmente, sob uma análise vertical, considerando a primeira categoria “situação”, dois deles, por

não contemplarem em suas palavras-chaves os termos específicos da investigação (indisciplina, violências e conflitos), mas situações mais específicas, como o “Bullying” e a “Violação dos direitos da criança e do adolescente”. Destaca-se ainda na categoria “espaço”, que a maioria, cinco dos estudos indicam a escola já em suas palavras-chave, nos outros quatro artigos, dois falam sobre violência na cidade e conhecimento social, e dois não explicitam este contexto em suas palavras-chave.

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, e este levantamento inicial, este escrito deteve-se mais especificamente a três artigos (palavras-chave sublinhadas na tabela 2): “*Políticas e práticas curriculares, diversidade e violência na escola*”, de Eying (2010); “*Novos regimes de ver, ouvir e sentir afetam a vida escolar*”, de Guimarães (2010); e o artigo já mencionado “*A indisciplina na instituição escolar: o trabalho com assembleias de classe no desenvolvimento de crianças morais autônomas*”, de Dias e Colombo (2013).

O primeiro artigo mencionado destaca-se especialmente por considerar em suas discussões o campo das políticas públicas, que de certa forma abarcam questões de gestão em um sentido macro, a gestão educacional. Segundo as autoras:

[...] objetiva-se, neste estudo, provocar o diálogo sobre as relações entre currículo escolar, diversidade e violência nas escolas, tendo como referência as questões conceituais analisadas nos textos de Eying (2009), Battaglia (2008), McLaren (2001), Castels (2008), Apple and Buras (2008), Chrispino (2008), Schabbel (2008), Arroyo (2007), Silva (2007), Candau (2005, 2008), Hall (2005), Moreira (2002), Ball (2001), Bordieu (1996) e Goodson (1995), além dos documentos legais que definem as atuais políticas educacionais. (EYNG, 2010, p. 396)

Neste sentido, este artigo contribui com reflexões importantes acerca das preposições do currículo, da diversidade, e as políticas públicas vigentes, algumas vezes desconhecidas, paradigmáticas, e/ou desconsideradas no contexto escolar, e a qualidade de uma educação para todos.

Na reflexão sobre o assunto se busca problematizar e enfatizar o paradoxo que ocorre no campo das políticas educacionais que estabelece a gestão democrática e, paralelamente, o controle externo por meio dos programas de avaliação regulatórios.

Relacionada ao contexto escolar, tal reflexão aborda o Decreto n. 6.094, de 24 de abril de 2007, que estabelece o “Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação”, e que se vincula ao objetivo de desenvolvimento do milênio da Educação básica de qualidade para todos. (EYNG, 2010, p. 396)

A autora ainda explica que:

Educação básica de qualidade para todos, na perspectiva contemporânea, implica a discussão das questões políticas, econômicas e culturais que incidem na configuração do espaço escolar e, conseqüentemente, no modo como as relações de poder e as identidades são concebidas, atravessam o currículo e incidem na maneira como a concepção e gestão desse espaço é formatada. A análise dessas múltiplas causalidades e implicações pode ajudar na compreensão do jogo de forças que produz as violências nas escolas e, a partir dessa compreensão, esboçar possibilidades para assumir o compromisso de tornar, de fato, a educação básica de qualidade para todos (EYNG, 2010, p. 396).

Neste aspecto, a autora vem ao encontro das ideias postas no segundo artigo indicado, que fala especificamente sobre as relações de poder e a produção de violência no contexto escolar. Para isso a autora Guimarães (2010) utilizou uma corrente de pensamento foucaultiana. Assim, a partir da ideia de que todos nós estamos envolvidos com o poder, e por consequência com a violência, se propõe a “refletir sobre a forma como esse fenômeno nos afeta e como somos capturados por opiniões/representações que acabam bloqueando as “vias de passagem” aos atos violentos” (GUIMARÃES, 2010, p. 414).

Ao final dos artigos as duas autoras chegam a conclusões semelhantes, incidindo sobre a ideia de participação proposto por Lück (2006), ao se referir a um novo paradigma da gestão escolar. Assim destacamos que Enry (2010, p. 410) defende que “a concretização do intuito da mediação está em contribuir para a efetivação da educação intercultural, favorecendo a cooperação, a convivência na diversidade, o diálogo com a diferença e a superação dos conflitos e das violências nas escolas”.

Corroborando, a esta análise, Guimarães (2010, p. 426) conclui:

As ideias presentes neste texto caminharam num sentido diferente das propostas educativas disseminadas nestes tempos neoliberais que, para além do jargão, não suportam pensar num sujeito que não seja idealizado, que não contenha fissuras. Ser criativo, participativo, ter espírito de equipe, respeitar as diferenças são qualidades a serem desenvolvidas nas instituições educativas desde que adaptadas ao mundo do trabalho, isto é, a um mercado que a cada dia torna-se mais diversificado e diferenciado.

A autora Eyng (2010, p.396 e 397), perpassa por uma discussão mais abrangente, incorporando categorias referentes à violência produzida nas tensões entre as relações de poder; as imagens identitárias veiculadas e produzidas no campo curricular; a educação básica de qualidade: o desafio do multiculturalismo no

currículo; o compromisso da educação básica de qualidade para todos; e o currículo como espaço de mediação num contexto marcado pela diversidade. Enquanto Guimarães (2010) se detém, especificamente, nas relações de poder que estabelecem no contexto escolar ao longo da história, considerando que a escola surge como instituição de caráter de controle. Porém, ambos concluem a necessidade de superação de uma visão fragmentada e idealizadas do contexto escolar.

O terceiro artigo mencionado, também tenciona a necessidades de um espaço de cooperação e respeito, se destacando pela apresentação e análise de uma estratégia para resolução positiva de situações de indisciplina na escola, através das assembleias de classe. Para isso, as autoras embasam os estudos em autores como: Puig (2000); Aquino (2000); Vasconcellos (2000); La Taille, Silva e Justo (2006); Tognetta e Vinha (2008). Concluindo que:

Com a perspectiva de superação de problemas de indisciplina, através de um ambiente cooperativo, a utilização de recursos como as assembleias de sala de aula fica evidenciada no presente estudo. O espaço das assembleias de classe permite experiências conceituais concretas e práticas de democracia na escola que poderão levar todos os membros da comunidade a vivenciarem um ambiente democrático e respeitoso, contribuindo para a educação moral e para a cidadania. (DIAS e COLOMBO, 2013, 371)

Observa-se que as colocações das autoras, indicam uma estratégia que vem de encontro ao novo paradigma de gestão proposto por Lück (2006), à medida que prevê ações conjuntas, de diálogo, participação e superação.

De forma geral, destaca-se a preocupação com as temáticas tem sido constante na Revista Educação do CE/UFMS. Sendo que no período investigado a maior produção se deu no ano de 2010, com a organização de um dossiê referente à temática. Percebemos ainda os textos investigados apontam as mudas necessárias no contexto escolar, para superação de visão idealizada da escola, e valorização da diversidade, bem como o trabalho coletivo.

Destaca-se a importância deste capítulo para este trabalho de monografia, uma vez que possibilita pensar acerca da indisciplina e das violências no contexto escolar, sob várias óticas, e a partir de então, refletir sobre como o conceito de gestão acabe incidindo diretamente na busca de delineamento de estratégias positivas de enfrentamento destas situações. Tem caráter abrangente de grande

importância, uma vez que possibilita uma visão geral das tendências de estudo desta temática e a necessidade de continuidade de investigações devido à complexidade destas questões. Possibilita ainda uma série de questionamentos que em relação às publicações e formas de pensar sobre a temática exposta.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Neste último capítulo, pretende-se sistematizar as ideias apresentadas e analisadas anteriormente, ressaltando os aspectos que se consideram mais relevantes, tendo em vista a questão inicial proposta para esta escrita. Considera-se a importância deste trabalho à medida que possibilita uma problematização acerca da indisciplina e das violências no contexto escolar, procurando elucidar como o conceito de gestão pode corroborar no delineamento de estratégias positivas no enfrentamento destas situações, através de uma perspectiva de participação e diálogo. Longe de esgotar a discussão acerca de uma temática tão abrangente e delicada, este trabalho vem a contribuir com a afirmação da ideia da necessidade de um repensar sobre as práticas e os próprios objetivos da educação na sociedade contemporânea.

Para isso, nesta parte final da escrita, procura-se pontuar objetivamente, os aspectos mais relevantes da discussão escrita nesta monografia, que possibilitam, sobretudo, repensar sobre os objetivos da escola, e fazer novos questionamentos em relação à produção referente à temática, as representações da indisciplina e das violências no contexto escolar, o conceito de gestão e as estratégias que se apresentam no cenário da educação brasileira na busca de uma educação de qualidade para todos.

De fato a indisciplina e as violências que se escancaram diariamente no cotidiano escolar tem algo a dizer a respeito deste espaço. Percebe-se que muito embora o espanto seja grande quando as situações tomam proporções extremas, geralmente ferindo a integridade física, algumas situações passam despercebidas fazendo parte da estrutura organizacional desta instituição, e até mesmo da sociedade, de uma forma mais geral. A interpretação quanto à definição da indisciplina e das violências no contexto escolar, é múltipla, variado de acordo com as crenças, valores e culturas, e neste aspecto muitas vezes não há definição clara entre os dois termos. Segundo Arroyo (2007), a terminologia violência passou a abranger formas de comportamento diversas, sendo motivo da maioria dos estudos na atualidade. Também alerta sobre a existência de denúncias acerca destas situações, mas poucos estudos que se detêm as representações que tais situações podem causar aos envolvidos, tanto atores quanto vítimas. Para este autor, a

categoria de violentos e menores infratores engendra uma forma ainda mais cruel de exclusão na escola, ultrapassando as antigas formas de segregação pela avaliação, enturmação, etc. Em consonância, Oliveira (2008), mostra que a escola, ao longo da história não superou seu papel segregador, e continua a reproduzir as desigualdades de nossa sociedade. Neste sentido, destaca que as situações de indisciplina e violências no contexto escolar, revelam a desconformidade de um sistema que ainda procura “enquadrar” os sujeitos em um modelo ideológico de aceitação de suas condições.

A partir de então se apresenta com base em Libâneo (2001), dois enfoques de gestão, e defende-se a ideia de escola como espaço público e de participação, considerando os avanços nas discussões e a legislação vigente, a partir da promulgação da LDB em 1996, que traz em seus princípios gestão democrática pautada na participação de toda a comunidade escolar. Nesta perspectiva Lück (2006), ajuda a pensar na ideia de gestão como um novo paradigma que supera o enfoque científico-racional, de administração escolar, e está pautada sobre a ótica de uma participação efetiva de todos envolvidos, em prol de objetivos comuns.

A partir destas discussões concluiu-se que a indisciplina e as violências no contexto escolar, mais do que um problema nas práticas de professores, têm muito a dizer sobre o papel que cumpre a escola na sociedade contemporânea, e neste sentido se indica a necessidade de uma mudança de paradigma no que tange a compreensão do conceito de gestão escolar, ultrapassando a administração, e incorporando a necessidade de participação e o papel transformador da educação em uma sociedade desigual como a nossa. Garcia (2008; 2009) ao investigar sobre a temática já alerta a necessidade dessa mudança de paradigma, através de um repensar sobre a escola na contemporaneidade, e coloca a gestão como eixo central para esta mudança, visando um espaço de ações colaborativas, de participação efetiva e de diálogo entre todos os membros da comunidade escolar, no engajamento de objetivos comuns para educação, e para construção de uma cultura de paz.

A investigação acerca da temática na Revista Educação CE/UFSM permitiu constatar que preocupação com a temática tem sido constante neste periódico, no período de 2010 a 2013. E que embora nenhum dos trabalhos tragam como palavra-chave a gestão, as estratégias de enfrentamentos delineadas perpassam por

questões relacionadas à participação e ao diálogo, na busca de compreender as relações entre os envolvidos, questionando atitudes de coação e punição. E neste sentido nos auxiliam na compreensão da necessidade de mudanças no que dizem respeito à organização e, portanto, a gestão escolar.

O conceito de gestão contribui no delineamento de estratégias para enfrentamento da indisciplina e das violências no contexto escolar, à medida que pressupõe uma mudança de paradigma, incorporando a escola como espaço público e de participação efetiva de toda a comunidade. Estratégias como assembleias de classes, podem ser citadas como exemplo, à medida que procuram através de ações democráticas, criando espaço de diálogo e participação, para compreender as representações destas situações para os envolvidos, e possibilitando a aprendizagem de resolução de conflitos, como estratégias preventivas. Assim, atendendo a uma visão crítica de educação, e reconhecendo seu papel transformador na sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. Â. da S. Política de formação de professores para a educação básica no Brasil: mudanças na agenda. In: DOURADO, L. Fernandes. **Políticas e gestão da educação no Brasil**. 2007.

AQUINO, J. G (org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

ARAÚJO, C. **A violência desce para a escola**: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ARROYO, M. **Quando a Violência infanto-juvenil indaga a Pedagogia**. Revista Educação e Sociedade. vol. 28 n. 100, 2007.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam este questão. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n.8, p. 432-443, jul./dez. 2002.

CUNHA, Jorge Luiz da e DANI, Lúcia Saete Celich. (orgs). **Escola, conflitos e violências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação**: um tesouro a descobrir. 7.ed.rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2012.

DIAS, Carmen Lúcia; COLOMBO, Terezinha Ferreira da Silva. **A indisciplina na instituição escolar: o trabalho com assembléias de classe no desenvolvimento de crianças morais autônomas**. In: Revista Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria: 2013, v. 38, n. 2.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Portugal: Porto Editora, 1994.

EYNG, Ana Maria. Políticas e práticas curriculares, diversidade e violências nas Escolas. **Revista Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, v. 35, n. 3, set./dez. 2010.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n.95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

_____. Indisciplina e violência nas escolas: questões sobre mudança de paradigma. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v.8, n.3, set./dez. 2008.

_____. Indisciplina e violência nas escolas: algumas questões paradigmáticas. **Revista Diálogo e Educação**. Curitiba, v.9, n.28, p 511-523, set./dez. 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUIMARÃES, Áurea M. Novos regimes de ver, ouvir e sentir afetam a vida escola. **Revista Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, v. 35, n. 3, set./dez. 2010.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Limites**: três dimensões educacionais. São Paulo: Editora Ática, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. O sistema de organização e gestão da escola. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: teoria e prática. 4.ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LÜCK, H. **A gestão participativa na escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MORAIS, Regis de. **Violência e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

OLIVEIRA, D. A. Das políticas de governo à política de estado: reflexões sobre a atual agenda educacional brasileira. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas vol.32, n.115, abr. /jun. 2011.

_____. Educação e planejamento: a escola como núcleo de gestão. In: _____ **Gestão democrática da Educação**. São Paulo: Ed. Cortez, 2008. p. 64-104.

PUIG, Josep Maria. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

SANTOS, A. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SASTRE, Genoveva; MORENO, Montserrat. **Resolução de conflitos e aprendizagem emocional**: gênero e transversalidade. São Paulo: Moderna, 2002.

TRIVIÑOS. Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.